

CONFERÊNCIA NACIONAL EXTRAORDINÁRIA DA UDP



MARXISTAS TAMBÉM AMANHÃ



MARXISTAS TAMBÉM AMANHÃ

Resolução aprovada na Conferência Nacional Extraordinária da UDP



União Democrática Popular
Lisboa, 24 de fevereiro de 2013

MARXISTAS TAMBÉM AMANHÃ

Um partido diferente

O Bloco de Esquerda nasceu e afirmou-se como um partido socialista radical. Um grande movimento político, impulsionado por ex-partidos e por cidadãos, que deu origem a uma síntese política maior que a soma das partes. Um programa político anti-capitalista e anti-conservador que abriu um novo espaço político e fez convergir nele diferentes tradições e experiências da esquerda, numa identidade bloquista em que o pluralismo e a democracia são princípios fundadores.

1. No virar do século XX, a construção do Bloco respondeu à necessidade de recomposição da esquerda numa ampla plataforma socialista contra a ofensiva neoliberal e a globalização capitalista. Três condições coincidiram no espaço e no tempo para forjar essa recomposição:

A ideia de que a um novo tempo da luta de classes (pós-queda do muro de Berlim, pós capitulação da social-democracia à terceira via, fossilização dos partidos herdeiros do campo da URSS) tinha de corresponder um novo instrumento político capaz de juntar pessoas de diferentes ideologias da esquerda num partido com vocação de massas e de alternativa de poder;

A solução de um partido de programa, fortemente enraizado nas experiências de luta e nas tradições que o compunham mas capaz de construir uma síntese programática comum, fundada em princípios e fronteiras políticas claras;

A ideia de que num partido onde convivem várias expressões do Socialismo, o pluralismo é garante da democracia e da amplitude do movimento. O Bloco fundou-se como um partido de tipo novo, bem diferente aos olhos das pessoas de esquerda, também nas suas regras de democracia interna, em que as grandes linhas políticas são definidas em Convenção Nacional e cada pessoa é um voto.

2. Assim se criou um novo sujeito político, onde a militância diária e o encontro permanente de opiniões e experiências forjaram uma identidade própria: socialista, popular, ecologista, feminista, pluralista e anti-dogmática. Um partido que nasceu para

- a política emancipatória, a defesa e o avanço das conquistas sociais, a luta contra o imperialismo e a guerra.
3. Durante 13 anos, o crescimento e fortalecimento do Bloco de Esquerda fez-se também do debate ideológico interno, com ou sem participação das correntes organizadas que atuam no seu seio. Em muitos momentos, e de forma continua no tempo, militantes do Bloco expuseram e esgrimiram argumentos, teorias e seus autores, de forma aberta e democrática. Se defeito houve nesse debate, foi a falta de empenhamento em torná-lo permanente e ainda mais participado, garantindo a todas e todos os aderentes o acesso a uma formação teórica e política no vasto património da esquerda.
 4. Nada nessa proposta se confunde com a tentativa de encontrar uma doutrina uniformizadora ou oficial. O pluralismo do Bloco não admite nem deseja a fusão ideológica, seja a do monolitismo, seja a do apagamento ideológico. O diálogo e o debate entre opiniões e experiências diversas enriquece a esquerda e fortalece-a para os seus combates.
 5. Esta conceção de partido programa, que respeita a liberdade de expressão ideológica interna, individual ou organizada, nunca foi o ponto fraco do Bloco. Pelo contrário, esta forma de partido permite uma democracia interna viva e construtiva, em que as fronteiras das expressões ideológicas se definem pelo debate teórico, e a unidade se constrói em plataformas políticas.
 6. A plataforma política que fundou e dirigiu o Bloco de Esquerda ao longo de mais de uma década foi, no âmbito do confronto democrático em Convenção, a protagonista da defesa do rumo estratégico do “Começar de Novo”. Esta plataforma, corporizada na Moção A, resulta também de atualizações que foram resultado do seu debate interno e do confronto com a luta política.
 7. Ainda que a Moção A tivesse uma existência formal descontinuada no tempo, nela se formou uma unidade política real, consistente e com implantação nacional, para a qual a existência de sensibilidades ideológicas mais ou menos organizadas nunca foi um obstáculo.

8. O déficit da Moção A tem sido, ao longo dos anos, a falta de um procedimento democrático estruturado, organizado e transparente para o debate e a decisão sobre a linha estratégica e os seus protagonistas. Demasiadas vezes a Moção A confundiu-se com as cúpulas do partido.
9. A UDP defendeu o reforço e a democratização da Moção A, e propôs a sua transformação numa tendência que agruparia todas e todos os aderentes que se revissem na sua plataforma política. Esta proposta não pressupunha a dissolução de nenhum espaço ou corrente nem pretendia a criação de um espaço de ideologia única. Tinha como principal objetivo criar um espaço de debate e decisão amplo e participado. À época, essa proposta não foi aceite.

A UDP e o pensamento revolucionário

O Bloco de Esquerda é o nosso partido. A única razão da existência da UDP é o marxismo. Por isso a revista A Comuna assume centralidade na nossa organização, ela é o principal instrumento de debate teórico e formação de novos revolucionários.

10. A UDP propôs na fundação do Bloco de Esquerda que este não fosse uma coligação eleitoral, mas um partido novo onde cada pessoa fosse um voto, sem lugar a privilégios ou inerências de correntes. Essa proposta teve aceitação geral, ainda que outros quisessem ficar por uma coligação. A democracia interna do novo partido permitiu desta forma que qualquer grupo de aderentes organizasse e apresentasse plataformas políticas e listas concorrentes para os órgãos do Bloco.
11. Ainda que durante algum tempo a comunicação e a lealdade entre o grupo fundador tenham sido o eixo estruturante da decisão política no Bloco, a UDP deu o sinal da sua perspectiva sobre o funcionamento interno do Bloco quando, há mais de uma década (2002), aboliu todos os tipos de centralismo, democrático ou outro, e qualquer disciplina interna para dentro do Bloco de Esquerda.
12. A ideia era simples: que o Bloco pudesse desenvolver os seus espaços democráticos de debate e decisão política, estabelecendo com isso as fronteiras de cada plataforma interna, deixando aos seus militantes a liberdade de expressão e organização ideológica.
13. Assim a UDP assumiu como seu objetivo e razão de existência o aprofundamento teórico do marxismo e a formação de revolucionários, como corrente de pensamento ideológico integrada enquanto associação política no espaço do Bloco de Esquerda.
14. Durante mais de uma década, a UDP produziu e divulgou um importante conjunto de contributos para o pensamento marxista: as teses sobre o imperialismo global, pós-leninismo, teoria das classes, Estado e partido, assim como a análise de outros contributos críticos do marxismo das últimas duas décadas, fizeram e fazem parte do acervo teórico e do património ideológico da UDP. Algumas dessas teses fizeram caminho no debate interno do Bloco, e foram sendo integradas, aqui e ali, nos seus textos estratégicos e ação política.
15. Durante mais de uma década, a UDP não abdicou de fazer polémica com diversos autores e teorias, de editar regularmente matérias de análise política e ideológica, e de manter publicações e espaços de debate de forma contínua. Não o fizemos por

estarmos mais organizados do que outros, fizemo-lo porque a realidade da luta de classes nunca parou de nos exigir um olhar revolucionário e novas respostas para um tempo novo.

16. O pluralismo do Bloco construiu-se com várias referências ideológicas. Esse foi o projeto inicial que deu corpo e alma à recomposição da esquerda. Hoje pode até haver quem considere que algum destes contributos ideológicos é dispensável. É importante relembrar, no entanto, que foi a diversidade ideológica que fez do bloco um partido pelo socialismo de tipo novo.
17. Importa trazer à memória a arquitetura dos equilíbrios que durante anos permitiu a coexistência e deu voz a todas as sensibilidades do Bloco de Esquerda. Um dos exemplos mais visível é o do Grupo Parlamentar, que sempre foi espelho do pluralismo interno, por onde passaram e passam pessoas de correntes e de fora delas, com mérito político reconhecido. A composição de diversidades do Bloco permitiu que sensibilidades praticamente sem aderentes tivessem representatividade a todos os níveis, incluindo lugares institucionais. Nesse tempo, os mecanismos de garantia dos equilíbrios interno não eram contestados.

Marxistas também amanhã

Tudo o que é sólido dissolve-se no ar, mas enquanto houver classes os marxistas vão ter papel. Há práticas que se esgotam, mecanismos que se superam, e também as ideias precisam constantemente de atualização.

18. A superação de práticas correntistas dentro do Bloco é mais do que uma necessidade identificada, é uma vontade que a UDP tem expressado de diversas formas. Quem considera que isso significa a superação das correntes baseia-se numa experiência, que nós recusamos, da utilização de correntes como sindicato de voto.
19. Os contributos políticos e ideológicos da UDP não são insuperáveis, mas não estão superados. As propostas que temos sobre Estado de Direito Socialista, organização económica e participação política no regime socialista, revolução, transformação revolucionária, protagonista e alianças políticas para a mudança social, não só não são partilhadas pelos nossos parceiros, como estão para além do alcance da Plataforma Socialismo.
20. A UDP teve conhecimento da proposta de criação da plataforma socialismo em finais de dezembro de 2012. Reconhecemos a todos os bloquistas o respeito e a legitimidade para se organizarem como entenderem. Parece-nos relevante, no entanto, referir a inoportunidade da proposta, apenas dois meses após a Convenção e num momento tão crítico para o país e que tanto que exige ao Bloco.
21. O momento da sua fundação decidirá o futuro desta plataforma. Em nome da pluralidade do Bloco, iremos bater-nos para ela não pretenda exclusões nem exija dissoluções de coletivos ou associações.
22. Os promotores da “plataforma Socialismo” pretendem a adesão da ampla maioria dos militantes do Bloco, e reivindicam-se até dessa maioria. Esclareceram a UDP de que se trata de uma plataforma política para pensar estrategicamente o Bloco a longo prazo, e não de um espaço que pretenda oficializar uma doutrina sobre a teoria da transformação social.
23. Disseram que, para além das suas opiniões acerca das correntes originais, incluindo os proponentes do Bloco de Esquerda, isto é, a UDP, não reclamam a dissolução de nenhum espaço político interno.
24. Há muito que a UDP abdicou de agir organizadamente na vida quotidiana do Bloco. Esse caminho é para ser prosseguido. Assim existam espaços democráticos onde os bloquistas da UDP se revejam politicamente e participem em pé de igualdade com

todos os outros. Reivindicamos e afirmamos a UDP como um espaço de aprofundamento do marxismo e da teoria revolucionária.

OS REVOLUCIONÁRIOS NÃO DEVEM DEIXAR DE PARTICIPAR EM TODOS OS FÓRUMS DE DEBATE POLÍTICO, DE ORGANIZAÇÃO DE TENDÊNCIA, DO DEBATE SOBRE OS CAMINHOS DO SOCIALISMO E DA HUMANIDADE, COMO PODE SER A PLATAFORMA SOCIALISMO, MAS DEVEM AGRUPAR-SE DO PONTO DE VISTA DA PRODUÇÃO DA TEORIA REVOLUCIONÁRIA.

O BLOCO DE ESQUERDA É UM PARTIDO MAIS COESO, LIVRE E FORTE QUANDO PRESERVA AS SUAS CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS. O REPTO DESTA CONFERÊNCIA É QUE OS ADERENTES DA UDP PARTICIPEM ATIVAMENTE E LIVREMENTE NA NOVA PLATAFORMA POLÍTICA SOCIALISMO QUE DÊ CONTINUIDADE À MOÇÃO A, CONTRIBUINDO PARA A SALVAGUARDA DA MATRIZ DO BLOCO DE ESQUERDA, COMO ESQUERDA SOCIALISTA, PLURAL, COMBATIVA, POPULAR E INOVADORA, E QUE A UDP PROSSIGA NA SUA TAREFA INDISPENSÁVEL PARA O BLOCO DE ESQUERDA, A SUA EXISTÊNCIA E A SUA IDENTIDADE.